

## *Digressões acerca de um gênero controverso: a história intelectual entre afirmações e incertezas\**

Marcos Antônio Lopes\*\*

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragments da história intelectual* – entre questionamentos e perspectivas. Campinas, Papyrus, 2002, 160 pp.

Em *Fragments da história intelectual*, Helenice Rodrigues da Silva apresenta ao leitor brasileiro campos temáticos e domínios teóricos em relação aos quais ainda não há “fronteiras” bem definidas. Como campo de pesquisa relativamente recente na França, as temáticas e os métodos de abordagem da história intelectual ainda estão por ser fixados. Segundo a autora, isto faz da história intelectual um campo de estudos marcado pela indeterminação dos objetos e à procura de uma verdadeira identidade.

Gênero historiográfico forte na Inglaterra e nos Estados Unidos, países nos quais a expressão história intelectual

possui sentidos muitos diferentes, a variante francesa apresenta diferenciais que a particularizam, tornando-a um “desvio” fecundo e revelador de aspectos novos que as obras de pensamento podem propiciar. Mesmo que aguarde por uma definição de seus estatutos e pela conquista de seus direitos de cidade, a história intelectual francesa, a julgar por este livro, não se afigura como um passo em falso, como uma disciplina que se desloca em terreno movediço.

Os oito textos densos e instigantes, reunidos sob a marca despretensiosa de “fragmentos”, demonstram que o gênero pode não possuir as suas cartas de no-

---

\* Resenha recebida em maio de 2003 e aprovada para publicação em dezembro de 2003.

\*\* Professor da Universidade Estadual de Londrina.

breza, principalmente quando comparado à grande tradição de outros ramos da pesquisa histórica no país de Michelet. Mas estes “fragmentos” de Helenice Rodrigues demonstram, com um excesso espantoso de evidências, que a história intelectual francesa já conseguiu definir traços bem pronunciados de identidade. Neste sentido, ela não pode ser confundida com a *Intellectual History* norte-americana de Martin Jay e de Dominique La Capra, como também não pode ser aproximada, sem reservas, da história intelectual inglesa, praticada pelo círculo de Cambridge, apesar de alguns elementos compartilhados com esta última vertente.

Certamente, ao fazer alianças teóricas ou ao recusá-las, nota-se que a história intelectual francesa já entrou em seus anos de maioridade. Sem dúvida, seus temas, seus problemas e métodos aparecem, neste livro, formulados com muito vigor e sofisticação. Não há nada que lembre uma narrativa empírica, ao acaso das evidências. Pelo contrário, a autora vai tecendo a sua complexa tapeçaria, matizando-a com um aparato teórico que impressiona. Assim é que, por “fragmentos da história intelectual” devemos compreender, muito antes, um conjunto multifacetado de nuances do que um agrupamento de objetos dispersos.

Entretanto, riqueza temática e sofisticação teórica podem apresentar um peso excessivo, cobrando preço elevado ao leitor. Curto mas denso, rápido porém complexo, o livro de Helenice Rodrigues é uma panorâmica em que se justapõem, por uma opção autoral lúcida e muito apropriada, o movimento das idéias e a dinâmica da história efetiva francesa em

cinco décadas de embates dos intelectuais entre si e em meio às lutas de seu tempo. À diversificação temática do livro, que devemos compreender por riqueza de nuances, aliam-se a simplicidade e a elegância da escrita.

Em seu texto, a autora dá mostras de se esforçar em não elidir a trajetória dos intelectuais do mundo histórico e das circunstâncias sob as quais viveram e atuaram. Ao destacar a importância da produção, da recepção dos textos e das intervenções públicas dos intelectuais franceses, revela toda a sua preocupação em distinguir a história intelectual de uma história de sistemas formais de pensamento, esta última desenraizada da vida social e sem conexões com a realidade às vezes cruel e selvagem da história efetiva do mundo contemporâneo. Este é particularmente o caso dos capítulos sobre Hannah Arendt e Jean-Paul Sartre, em que a barbárie do nazismo e a opressão do colonialismo revelam a face negra da civilizada Europa.

Esta orientação teórica, ou antes, esta opção de foco, definida com ênfase no ensaio de abertura, “História intelectual: condições de possibilidades e espaços possíveis”, pode parecer um esforço preventivo elementar, mas, na prática, não o é. Ora, quando movimentadas pelos historiadores, muitas vezes, as idéias tendem a ganhar uma força centrífuga que, em geral, as guia para áreas de escape, sem base consistente de apoio. São as derrapagens comuns dos historiadores, que acabam centrando suas abordagens em circuitos analíticos que se esgotam no próprio sistema de idéias e na arte pedregosa de sua interpretação. É o que se tem denominado de internalismo, com um

fraco impulso para a integração do texto ao mundo histórico que o gerou e uma quase total carência de indagações pertinentes à pesquisa histórica.

Creio que a autora tenciona deixar uma mensagem não completamente explicitada: o mundo da pesquisa histórica está cheio de boas intenções para estabelecer a perfeita síntese entre teoria e objeto. Isto pode significar que as tais boas intenções, criteriosamente expostas em páginas e páginas – em que o plano teórico certo e seguro é celebrado como instrumento eficaz de conexão das idéias com a realidade histórica que as gerou – nem sempre são seguidas à risca pelos que as costumam enunciar. Deste modo, a história intelectual pode fazer com que as idéias desfilem nuas por um longo tempo, quando despedidas de sua armadura natural, ou seja, quando separadas de seu contexto. E por contexto não devemos compreender apenas o chamado circuito da tradição interpretativa dos textos, mas preocupar-nos com os problemas reais do mundo histórico do autor. Além disto, é preciso cercar as análises dos textos de uma teoria da ação.

Sem dúvida, este esforço de enraizamento, de contextualização, pode ser uma virtude real da história intelectual francesa. E tanto mais ainda se a compararmos às tendências pós-estruturalistas, em que o apego à análise textual é a nota forte. Tudo é texto, ou melhor, discurso, parece ser o principal argumento desta história de extração internalista. Hoje, há consenso de que a História é um tipo específico de discurso. Mas um tipo específico de discurso sobre o quê? Ora, sempre houve ou existirá uma realidade fora do texto que requer a parcela mais

substancial da atenção dos historiadores. Cabe distinguir, então, que, se um documento histórico, de qualquer natureza, deve ser apreendido pelo historiador como algo que nunca representa a verdade – é apenas uma representação de realidades contingentes e, portanto, um “monumento” da capacidade de representação humana – o discurso define algo como a “alma” do texto: uma matéria opaca que apenas se tornará legível pelo esforço da operação interpretativa. Como afirma Ricoeur, o estruturalismo tende a estudar a linguagem, poupando o sujeito, a ação, os eventos. A história intelectual, segundo a defesa de Helenice Rodrigues, investe na capacidade do locutor, na força elocucionária dos discursos, na capacidade do sujeito em situar-se como ator no mundo, como um agente ativo que se opõe a interlocutores reais, como um coeficiente de força que quer atingir um alvo em sua existência histórica concreta.

Outro mérito destes *Fragments...* é que, além de retratar a complexidade do universo de relações dos intelectuais em meio aos escombros do pós-guerra e dos dilemas das três décadas gloriosas da retomada econômica da França (1945-75), o livro é também uma bem fundamentada exposição de teoria e metodologia da história. Neste sentido, constitui-se num elenco de abordagens de autores que, apesar de não serem historiadores de ofício, prestaram um grande contributo ao desenvolvimento da história-disciplina: Bourdieu, Elias, Cassirer, etc.

Surpreendente pelas tramas e tensões que revela ao leitor e, sobretudo, pela novidade e pela originalidade das análises, é preciso confessar a sensação de

perplexidade diante de um conjunto temático tão rico e, conseqüentemente, tão difícil de devassar. Sempre explorando temas candentes da história francesa contemporânea, questões geradoras de intensos debates e grandes mobilizações sociais (reflexos do nazismo, a revolta de 68, a independência da Argélia, a divisão identitária da Revolução Francesa), Helenice Rodrigues se aproxima bastante de uma história social das idéias, ao destacar as correntes intelectuais que as influenciaram e contribuíram para dar “forma” às representações coletivas dos franceses na segunda metade do século XX.

Inegavelmente, há um grande esforço em levar a bom termo uma história intelectual empenhada em demonstrar a gênese, a difusão das idéias e a influência exercida por alguns intelectuais em determinadas conjunturas. A autora demonstra como os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais foram influenciados pelo movimento das idéias (e vice-versa), por certos “climas” intelectuais que lhes antecedem no tempo e que, em certa medida, lhes preparam o terreno. Mas, não tendo a intenção de focar as idéias sob o ângulo de uma história dos intelectuais, a autora não explora qual foi a real força transformadora do intelectual interventor (caso de Sartre), que brande a pena como uma espada afiada. E não demonstra, por exemplo, como as idéias de Sartre agiram como uma espécie de “doutrina preparatória” (caso da guerra de independência da Argélia) que, combinadas com a linhagem de marxismo adotada pelo intelectual engajado, atuaram como uma força desagregadora do autoritarismo e da opressão colonial.

Em a *Traição dos intelectuais*, o filósofo francês Julien Benda demonstrou como estas doutrinas preparatórias atingem um potencial de transformação a partir do momento em que os vulgarizadores de idéias entram em cena. É o que Benda chamou de “expressão derivada” da obra intelectual, que os engajados “digerem”, reformulam e difundem. A título de ilustração, trata-se, por exemplo, do uso pragmático que o leninismo e, mais tarde, o stalinismo fizeram da obra de Marx, deformando algumas de suas idéias originais para melhor empregá-las no processo de convencimento de seus adeptos. As idéias, assim reapropriadas e, em certa medida, transformadas em sua natureza original por uma confraria de discípulos, se difundem entre as massas, podendo levar a transformações. Mas aqui vale a regra de que não se pode esperar do autor o que ele não prometeu levar a cabo. Identificar todos os nós de uma rede, para usarmos uma expressão tomada de empréstimo a Foucault, talvez seja mesmo extrapolar os limites impostos à problemática da obra: “questionamentos e perspectivas”.

Em síntese, os problemas formulados por esta história intelectual, da maneira como a pratica Helenice Rodrigues, são todos legítimos e pertinentes de pesquisa e reflexão. O único equívoco será mesmo o de continuar dissertando sobre o livro, de cuja energia galvanizadora extraímos estas tortas linhas. Insistir nisto é algo assim como fazer a autêntica obra do “escavador de precipícios”, para recordarmos a irônica expressão que Voltaire gostava de empregar, ao caracterizar os personagens mais equivocados de seus textos históricos e de seus contos filosóficos.